

EDITORIAL

Dr. Amauri Carlos Ferreira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)
Instituto Santo Tomas de Aquino (ISTA)

Refletir sobre a educação em tempos sombrios é pensar valores que sustentam a ação do ser humano no mundo. Em tempos de crises e golpes vividos na sociedade, a área da educação é a que acumula mais perdas. O golpe dado à democracia atingiu em cheio a educação e a ética. Ambas vivem para construir uma relação de longo prazo com o outro. Sem o outro não há processo educativo. Sem o outro não existe a ética.

Há uma categoria de sustentação no processo educativo que é a base para a formação de valores. A essa categoria damos o nome de “cuidado”. Em sua origem latina, a palavra nos remete à “coera”, que vai proporcionar a cura. Na área da saúde é uma tentativa de, ao se curvar ao outro, lhe proporcionar um alívio em seu sofrimento. Na educação, pressupõe um curvar-se ao outro, recém-chegado ao mundo, numa atitude de conduzi-lo a uma outra experiência diferente daquela vivida. É nesse ato de condução do outro que a construção de um *ethos* inacabado toma forma, adquire sentido. O *ethos* tem como significação: casa, morada, habitação, lugar de pertencimentos que, ao acolher a ética, a torna sua ciência.

Refletir sobre esse outro numa configuração de aprender a cuidar da morada provisória que é o mundo, é um aprendizado de longo prazo. A educação tem como elo a formação do outro. A ética tem no outro seu estatuto de ser. O outro e os vários outros quando estão em cena atestam que a educação na construção de valores só é possível quando há conflitos, diferenças, divergências. Não há educação sem o outro. Não existe ética como ciência do *ethos* sem o outro. A ética só existe “quando o outro entra em cena”, como nos afirma Umberto Eco.

Que outro é esse quando a ética e a educação proferem seus discursos? É um outro que demanda cuidado. É um outro em sua demanda de falta, carência,

necessidade. É um outro em abstrato. Em torno dele, tratados sobre educação e compêndios de ética são escritos, ensinam o dever ser para esse outro.

No movimento do *ethos* que acompanha as gerações que chegam ao mundo, cuidar do outro é uma tarefa complexa para a educação. A educação escolhe um outro ideal e, como já é sabido, escolheu uma classe social para educar em valores. É uma escolha hegemônica que configurou e legitimou um outro de forma positiva em sua construção social e de forma negativa constituiu os outros. É a forma negativa de construção social do outro que nos interessa na educação contemporânea, quando esses outros exigem direitos novos e iguais. Essas formas negativas sobre o outro, nomeadas pelo moçambicano Carlos Sena, são o racismo, o etnicismo e o xenofobismo.

O projeto de aprendizagem hegemônico sobre o outro que a educação legitimou e a ética em sua abstração acolheu, passou a ser indagado quando o outro diverso entrou em cena nos anos de 1990 e indagou diversas áreas do saber. No fim da década de 1990, assistimos a uma nova configuração do movimento negro ao trazer a luta contra o racismo. A esperança cultivada a partir da segunda metade do século XX em nosso país por pessoas que buscaram trazer para o espaço da escola os excluídos foi tomando forma. Tal fato se deve a lutas e conquistas dos movimentos sociais, em especial o movimento negro.

O processo abriu possibilidades para que esses outros pudessem ter acesso, por direito, à educação. Com eles na escola, o movimento do *ethos* foi forçado a pensar a diversidade e a escola a acolhê-la. O *ethos* diverso passa a compor um novo cenário contra hegemônico. Essa diversidade na escola é composta por vários outros: negros, ciganos, índios, quilombolas, pessoas do parque, do circo, dos movimentos dos sem-terra, dos sem-teto, entre outros. Eles trazem nossa identidade como povo que foi recusada. Eles trouxeram os ares da mudança de um outro tipo de epistemologia. Eles estão na escola. Não são invisíveis. Às vezes, são silenciados. Há em nós uma necessidade de escutá-los. É preciso realizar o sonho de Paulo Freire em transformar a escola e torná-la uma prática da liberdade, um processo dialógico.

Ao ter consciência de direitos e aprender a ler o mundo, respeitá-lo e transformá-lo, o cuidado passa a ser um aprendizado e não um conceito abstrato. O

outro diverso e concreto mostram quem são, e a partir de oportunidades oferecidas e conquistadas no poder público, há uma espécie de aprender com o vivido de forma intensa. Basta lembrar da educação popular. Quando incorporada à pesquisa e transformada em política pública, ela ofereceu um aprendizado inigualável no nodo de percepção do mundo. Aqui lembro a experiência de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina (1989-1993), em que tivemos a criação de bibliotecas populares por interesse na formação de leitores. Na experiência singular de uma Ecléa Bosi que, ao compor a equipe de Paulo Freire na Secretaria da Educação de São Paulo, transformou em política pública o que pesquisou na universidade. Isso resultou na Leitura de Operárias, em que a cultura popular se torna uma forma de enraizamento em uma experiência intensa do vivido.

Quando a educação contemporânea pensa o outro em sua concretude e diversidade acoplando o cuidado, o *ethos* diverso cumpre o seu caráter de reconstrução. Um processo de pensar o outro concreto e torná-lo centro de uma vivência intensa de demandas que se transformam em políticas públicas.

Quando estávamos iniciando um processo de trazer esse outro diverso em cena e aprendendo com ele, tendo em vista as várias conquistas ocorridas no período de 2003 até o início de 2016, destaco a lei 10.639/2003 e a lei 11.645 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Temos um destaque para a observância dos outros: o negro e o indígena. De repente, uma onda conservadora foi tomando forma e vivenciamos o golpe. Após o golpe, temos experimentado ataques ao diverso em todas as direções. A exemplo, em 2019, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) perdeu seu *status* de secretaria e a Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) foi extinta. Para Nilma Lino, ex-ministra do Governo Dilma, a “Seppir e a Secad foram medidas importantes para a garantia da igualdade e equidade racial na sociedade brasileira, principalmente no campo da educação e que lamentavelmente sofreram ataques conservadores”.

Urge pensar esse *ethos* trazendo esse outro concreto, que tem transformado, ensinado e indagado a escola, procurando apontar as desigualdades sociais e a estabelecer um projeto de reconhecimento da diferença, mediante uma luta permanente em continuar a ser diverso. Esse projeto de um outro que tem uma

história, uma memória de lutas e conquistas, para além da democracia entendida como um regime político em sua uma forma liberal, mas como Marilena Chauí tão bem pontuou: “em sua forma de existência social”.